



Mudanças ocasionadas pela presença feminina na EE “Culto à Ciência” de Campinas na 1ª metade do século XX: novas possibilidades e enfoques.

Cristiana M. Mendonça Panhan*, Maria Cristina Menezes.

Resumo

A pesquisa desenvolvida articula-se ao projeto “Preservação dos Acervos Históricos da EE “Culto à Ciência” de Campinas e apresenta resultados, sobre a inserção de alunas do sexo feminino no Ginásio de Campinas, na 1ª metade do século XX, e as transformações curriculares em decorrência desta inserção.

Palavras-Chave:

Educação Feminina, Arquivo Escolar, Patrimônio Histórico-Educativo.

Objetivos do projeto

O objetivo do projeto **“Mudanças ocasionadas pela presença feminina na EE “Culto à Ciência” de Campinas na 1ª metade do século XX: novas possibilidades e enfoques**, que está articulado ao projeto **“Preservação dos Acervos Históricos da EE “Culto à Ciência” de Campinas**, coordenado pela Professora Dra. Maria Cristina Menezes, FE/UNICAMP, foi prosseguir em pesquisa, já em andamento, no acervo documental manuscrito do Arquivo Histórico da EE “Culto à Ciência” de Campinas, sobretudo, visando consulta a novos documentos. O estudo das fontes manuscritas contou com o aporte bibliográfico dos textos de Alves, 2009, para discussão sobre movimentos femininos e a inserção feminina no Colégio Pedro II; de Nadai, 1987, para uma discussão sobre a entrada das mulheres no 1º Ginásio de São Paulo; Anette Goldberg-Salinas, 2009, sobre os primeiros movimentos feministas; Carlos Francisco de Paula, 1946, para uma aproximação histórica do Colégio “Culto à Ciência”; Cason, 2019, sobre o corpo docente e seus parentescos no ingresso das primeiras alunas; Lopes e Meyer, 1993, sobre a escolarização do doméstico; Moraes, 2006, para entender a Escola “Culto à Ciência” em seus primórdios, no final do Império; Goodson, 1997, sobre mudanças no currículo com base na construção social do mesmo e sobre a história do currículo (Goosdon, 1995).



Introdução

A Escola Estadual “Culto à Ciência”, como assim é conhecida atualmente, tem como marco a data de 13 de abril de 1873 com o Lançamento da primeira pedra do Colégio pela Sociedade Maçônica “Culto à Ciência” e conta hoje com seus 147 anos de história na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo.

Nem sempre ela foi conhecida como Escola Estadual “Culto à Ciência”, iniciou suas atividades como Colégio Culto à Ciência, sob os auspícios da Maçonaria, ainda no Império. Com a República instalada, o prédio foi doado ao estado para compor o projeto republicano de educação e passou a funcionar como Gymnásio de Campinas, em 1896, sendo a primeira instituição desse porte em Campinas e a segunda do estado de São Paulo. Atualmente possui o prédio tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas – CONDEPACC.

Nestes seus 147 anos de história a Escola Estadual “Culto à Ciência” de Campinas passou por muitas transformações, dentre as quais a permissão ao ingresso das primeiras alunas em uma escola até então eminentemente masculina. A entrada de mulheres na Escola Estadual “Culto à Ciência” se deu a partir do ano de 1909, e as alterações de currículo, para atender essa nova demanda, somente foram constatadas a partir do ano de 1942. Mudanças que não devem ter sido fácil de acontecer, dado os costumes sociais da época, fortemente marcados por uma sociedade patriarcal.

Resultados Obtidos:

Os documentos manuscritos, já analisados, possibilitaram informações sobre as matrículas na escola, no período em estudo. Constatou-se que a inserção feminina no Ginásio de Campinas (atual EE “Culto à Ciência”) se iniciou no ano de 1909 com um total de 20 matrículas femininas entre o primeiro e o sexto ano, representando 13.89% em relação às matrículas masculinas. Destas 20 matrículas femininas, 13 se matricularam no primeiro ano enquanto 7 se matricularam ao longo do segundo e sexto ano e dentre as 13 matrículas femininas no ano de 1909, apenas 5 concluíram os seis anos completos de estudos exigidos à época pelo Ginásio de Campinas, sendo que 2 se formaram com grau pleno de Bacharel em Ciências e Letras e 3 com o grau simples de Bacharel em Ciências e Letras, ou seja, apenas 38,47% das alunas ingressas em 1909 obtiveram a formação.

A entrada das mulheres nos Colégios da 1ª República não foi aleatória, foi sinônimo de lutas e reivindicações, assim ocorreu no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, com a matrícula da primeira aluna em 1926, segundo (Alves, 2009, p.5) “*O ingresso das meninas no Colégio Pedro II foi uma das*



reivindicações do movimento feminista brasileiro já presente no 1º Congresso Internacional pelo Progresso Feminino ocorrido no Rio de Janeiro, em 1922 [...]”.



Fonte: I Congresso Internacional Feminista no Rio de Janeiro Fonte: Brasiliana Fotográfica Digital

A história da luta feminina não é de hoje, de acordo com Anette Goldberg-Salinas, 2009, existiram dois grandes movimentos iniciais de luta feminina no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX,

O primeiro, na segunda metade do século XIX, quando uma série de jornais editados por mulheres levantou a questão da emancipação feminina através da reivindicação do acesso à educação e à instrução. O segundo período, na primeira metade do século XX, quando uma nova geração de feministas — lideradas por Berta Lutz em torno da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF) e por Natércia da Silveira em torno da Aliança Nacional de Mulheres — investiu prioritariamente na luta pelo direito de voto (CPDOC | FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2009)

Após a luta pela inserção feminina neste universo masculino, outra jornada, não menos difícil, foi a luta pela permanência das mulheres nesse universo, como foi constatado nos documentos pela formação de apenas 38,47% das alunas ingressas em 1909.

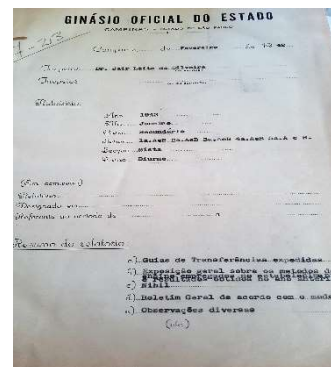
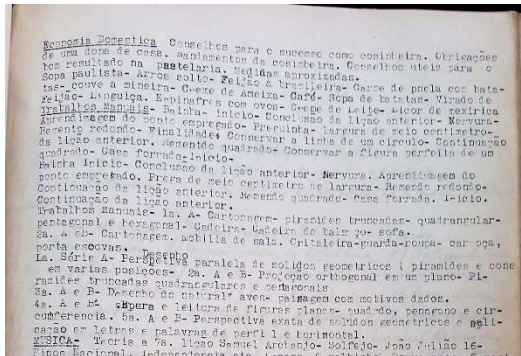
Uma vez ingressas nas escolas ginasiais, começa a inquietação sobre o que estas alunas deveriam estudar, será que as mesmas disciplinas que os meninos? Ou um outro currículo deveria ser criado para atender essa nova demanda feminina? O que elas esperavam?

No Ginásio de Campinas as alterações na grade curricular para inclusão de disciplinas voltadas ao público especificamente feminino começaram em 1940, mais de 30 anos após a entrada das primeiras mulheres na instituição, antes das alterações o currículo era o mesmo para ambos os gêneros, com disciplinas de Aritmética e Álgebra, Geometria, Álgebra, Química e Física, Instrução Moral e Cívica, História Universal, Italiano, Geometria e Trigonometria, Cosmologia, História e Antropologia, Psicologia e Lógica, Ginástica, Literatura, Grego, Música, História da Civilização, Matemática, Desenho, Geografia, Inglês, Latim, Alemão, Química, História Natural, Philosophia, Física, História do Brasil, Francês, Português, Mecânica e Astrologia, Sociologia.

O Decreto-lei n.4.244, de 9 de abril de 1942, ao proclamar o ensino secundário em dois ciclos: o ginasial, com quatro anos, e o colegial, com três anos, informa sobre a educação feminina, no Art. 25,



Título III, entre outras normas “3. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica”.



Nos Registros encontrados no Livro-Documento Ginásio Oficial do Estado, ano de 1942, Curso Secundário, 3, 4 e 5, turma mista, período diurno, a disciplina de “Economia Doméstica” foi incluída em 1942 com o objetivo de ensinar a arte da “boa cozinheira” para as mulheres do Ginásio que de acordo com *Jonh Rury (1984, p. 24, apud Lopes e Meye, 1993, p. 49)*,

Livro do
séries 1, 2,

“Economia Doméstica, o termo adotado pela nova organização para descrever o estudo da administração do lar, inclui os antigos assuntos femininos de cozinha e costura e muito mais. (...) incluía o estudo do consumo familiar ou (economia do lar), nutrição, relações familiares (recorrendo à psicologia e sociologia e higiene pessoal. De acordo com suas proposições, o objeto desta abordagem reconhecidamente ampla do fazer doméstico era preparar mulheres para seus papéis na sustentação da instituição da moderna sociedade industrial: a família.” (Rury, 1984. p. 24, apud Lopes e Meye, 1993, p. 49)

Desta forma, a aluna precisava, a partir de então, aprender as disciplinas comuns e as disciplinas voltadas especialmente ao público feminino. Lopes e Meyer, (1993), colocam isso como uma escolarização do doméstico, pois transforma algo que a mulher já desempenha em casa em uma disciplina, no âmbito de uma escolarização feminina.

A disciplina de “Trabalhos Manuais” já fazia parte do currículo da escola para o universo masculino com as aulas em sólidos, cartongem, pirâmides e marcenaria com a construção de móveis como cadeiras, guarda-roupas, cristaleiras, entre outros. Entretanto, após a o Decreto supracitado ela passou a ser ministrada separadamente, tendo como conteúdo feminino o aprendizado da costura. Prática que se tornou comum, como observado por Nadai,

...Os alunos de diferentes sexos receberam também um tratamento diferenciado. Dentro da disciplina “trabalhos manuais” os homens ficariam encarregados de trabalhar com o material relacionado à madeira e ferro, enquanto que as mulheres executariam “trabalhos sobre pano, talagarça, gesso, massa, papel e papelão...” (Nadai, 1987, p.54).



O currículo do Ginásio de Campinas (atual EE “Culto à Ciência”) obteve mudanças impostas pelos Decretos supracitados no período estudado da metade do século XX.

Inicialmente, com um currículo em que predominavam características humanísticas e literárias, se passa, no início do século XX, por mudanças que incluem mais disciplinas de caráter científico e no ano de 1942 são introduzidas disciplinas voltadas para o público feminino como “Economia Doméstica” e divide o conteúdo da disciplina de Trabalhos Manuais para atender especificamente a este público.

Estas mudanças no currículo do Ginásio de Campinas mostram o caráter social afirmado por Goodson ao colocar que “O currículo é confessada e manifestamente uma construção social” (1997, p.95) em que se manifesta um enviesamento de classe, de gênero e de raça presente nas disciplinas escolares.

Goodson (1995) mostra que o processo de construção do currículo não é um processo lógico, para se chegar a um currículo muitos caminhos foram percorridos, entre eles lutas sociais, disputas de poder, disputas intelectuais, disputa de interesses, dominação por fatores de classe, raça e gênero. “O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos”. (Goodson, 1995, p. 8).

Agradecimentos:

A elaboração deste projeto não seria possível sem o apoio de alguns intervenientes. Assim sendo, pretendo agradecer a todos aqueles que apoiaram e contribuíram para a realização e concretização deste trabalho. Deste modo, agradeço:

À equipe gestora e demais sujeitos escolares, em especial pela acolhida do projeto de preservação do patrimônio histórico educativo da instituição, ao qual essa pesquisa se articula.

À Professora Doutora Maria Cristina Menezes pela sua disponibilidade e compreensão, orientando e guiando o desenvolvimento do meu trabalho, manifestando opiniões pertinentes à escrita do Relatório Final e enriquecimento da minha pesquisa.